O texto “Ciência, senso comum e revoluções científicas: ressonâncias e paradoxos” de Marivalde Moacir Francelin, aborda com propriedade científica o conceito do estudo científico como forma de pesquisa e busca de conhecimento, diluindo e explicando o comportamento do âmbito científico diante de suas variabilidades, fazendo uma aproximação com o senso comum. Ao tratar das ressonâncias científicas, o autor comenta a respeito da inconsistência na conceituação do que seria ciência, que por muito tempo as noções antagônicas de que a definição seria sempre incompleta e que a complexidade junto com a falta de acordo seriam sempre presentes, impediram tal conceituação, proporcionando assim, múltiplas noções do que seria ciência. No decorrer do texto Marivalde trás como carga argumentativa e expositiva conceituações de pessoas como o “Freire-Maia” - propositor do “casamento” das áreas do conhecimento a fim de formular uma “metodologia especial”, que seria a metodología científica -, “Morais” (1988), “Whitehead” (1994) e “Bachelard” (1991), que tem argumentações semelhantes, pois tratam as ciências como um conceito amplo, “unificador” e pertencente de um “pluralismo filosófico”, ou seja, a ciência, seria na verdade algo unificado, que tem em seu cunho um conjunto de diversas informações provenientes das diversas áreas do conhecimento. Diante a estas conceituações, o escritor do texto traz, como exemplos, a fim de concretizar as informações apresentadas, o desenvolvimento da Teoria da Relatividade e da Microfísica, que foram feitas a partir da adesão da ciência com a metafísica. O texto traz também correlações entre a ciência e as crenças religiosas, que segundo “Chrétien” (1994) houve a sobreposição da ciência sob a religião com o decorrer dos anos, tornando-a assim, um conhecimento autônomo e independente. Há enfim, um direcionamento mais preciso a respeito do método operacional da ciência, feito por “Chauí” (1996) ao afirmar que a ciência trabalha com as probabilidades, submetendo-se também aos cálculos, ou seja, relacionando estudos minuciosamente analisados, e, também, a exposição da importância dos mitos e mistérios que são regentes na sociedade, que de acordo com “Chrétien” (1994), os mitos podem ser visto como essenciais para o engajamento da ciência, diferentemente do que é proposto por “Alves” (2000) que, apesar da ciência objetivar abolir o mítico a partir de estudos precisos, considera essa relação perigosa, pois afirma que todo mito seria perigoso pela sua indubitável indução ao comportamento e exclusão do pensamento. Enfim Marivalde trata das relações entre a ciência e o senso comum, que de acordo com “Cotrim” (2002) seriam concepções que são facilmente aceitas como verdadeiras. Para isso, ele aborda conceitos presentes no livro “Um discurso sobre as ciências”, de Souza Santos, como o de que o senso comum seria algo relativamente positivo quando abordado o contexto científico, pois enriquece a relação do sujeito com o mundo, criando assim conhecimento, mesmo que acabe sendo um “conhecimento mistificado e mistificador”. Já “Santos” (2002), afirma que o conhecimento científico modernos é bem realizado apenas quando convertido ao senso comum, apresentando também a noção de que o encontro do senso comum com a ciência seria possível apenas caso houvesse o rompimento de três atos epistemológicos, que seriam a da ruptura, construção e constatação. “Morais” (1988), então, afirma que aproximar o saber científico do senso comum seria algo radical, pois tem-se que o senso comum não é baseado em estudos científicos específicos e rigorosos, diferentemente da ciência, que apresenta toda essa minuciosidade, não aprovando assim uma aproximação condizente entre ambos. Por fim, o autor comenta sobre os paradoxos das revoluções científicas abordando estudos realizados por “Popper” e “Kuhn”, ambos sendo estudiosos que contribuíram muito com o pensamento científico. Popper defende que a ciência se desenvolve constantemente, a partir de suas frequentes revoluções, o que contribui para teorias cada vez mais consistentes e flexíveis. Contudo, Kuhn, diferentemente de Popper, afirma que a as revoluções científicas acontecem por períodos, não sendo algo frequente.

Aluno: Lucas de Lucena Siqueira